

Revista de Literatura,
História e Memória

Narrativas da Memória:
O Discurso Feminino

ISSN 1809-5313

VOL. 3 - Nº 3 - 2007

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 119-127

A MULHER NO ROMANCE DON QUIJOTE DE LA MANCHA

ESTIVIL, Patrícia Virginia Cuevas (PG Letras -UNIOESTE)¹

RESUMO: Este artigo pretende refletir sobre a idealização do papel feminino na personagem Dulcinea del Toboso da obra *El Ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* (1605-1616) em oposição à lavradora Aldonza Lorenzo, uma camponesa rude e de pouco trato, representante da mulher trabalhadora rural do século XVII. No capítulo X da segunda parte, Miguel de Cervantes, (1547-1616) configura o modelo feminino criado pela tradição do amor cortês, da qual as novelas de cavalaria do século XI e XII são exemplos, e Dulcinea del Toboso, coroamento. Um senhor que, como Don Quijote, tivesse partido às batalhas pensando em restabelecer a justiça social e os valores cristãos no mundo, precisava ter a quem oferecer suas vitórias, uma bela donzela que o esperasse cheia de amor e saudade, seguindo, assim, o modelo proposto por aquela tradição. A mestria de Cervantes consiste em fazer sua obra mergulhar no imaginário popular criado em torno a uma atitude fictícia frente à vida. Os cavaleiros andantes ocupam um papel relevante nesse imaginário: eles juravam vassalagem à mulher e sofriam qualquer tipo de provação pelo seu amor. Dessa situação, derivam todos os parâmetros de avaliação de Don Quijote. A temática deste capítulo se articula nos códigos de cavalaria. Normas e ditames morais são obedecidos cegamente pela personagem para modificar seus atos ou conduta. Observa-se que tal aspecto é decisivo para a constituição da subjetividade moderna e a compreensão da forma de construir a realidade na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Dom Quixote; mulher rural; idealização feminina.

RESUMEN: Este artículo pretende reflexionar sobre la idealización del personaje Dulcinea del Toboso en la obra *El Ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* (1605-1616), en oposición a Aldonza Lorenzo, una campesina ruda y de poco trato, representante de la mujer trabajadora rural del siglo XVII. En el capítulo X de la segunda parte, Miguel de Cervantes, (1547-1616) configura el modelo femenino creado por la tradición del amor cortés, del cual las novelas de caballería, de los siglos XI e XII, son un ejemplo y Dulcinea del Toboso, su máxima expresión. Un señor que, como Don Quijote, partiera a luchar por restablecer la justicia social y los valores cristianos en el mundo, debería tener a quien ofrecerle sus victorias, una doncella que lo esperase llena de amor y añoranza, siguiendo el modelo propuesto por dicha tradición. La maestría de Cervantes fue zambullirse en el imaginario popular creado en torno a esta actitud ficticia frente a la vida. Los caballeros andantes ocupaban un papel relevante en ese imaginario: ellos juraban vasallaje a la mujer amada y sufrían

cualquier tipo de probación por conquistar su amor. De esa situación, derivan todas las medidas de evaluación de Don Quijote. El tema se desarrolla sobre la base de los códigos y dictámenes morales caballerescos, a los que el personaje se somete pensando modificar sus actos o conducta. Este aspecto es fundamental para la constitución de la subjetividad moderna en la obra.

PALABRAS-CLAVES: Don Quijote; mujer rural; idealización femenina.

A presente reflexão se faz a partir do capítulo X da segunda parte do romance de Miguel de Cervantes e Saavedra (1616), *Don Quijote de la Mancha*. Como fundamentação teórica, tomam-se as obras de Erich Auerback, *Mimesis*, (2000), Arnold Hauser, *História Social da Arte e da Literatura* (1998) e *A História da Sexualidade 2* de Michael Foucault (2000), entre outros.

O capítulo em questão traz à tona a voz da mulher do campo do século XVII, a lavradora pobre que em pouquíssimas oportunidades tem fala a partir do seu próprio espaço, e por meio da linguagem típica da sua classe sócio-cultural.

Don Quijote a havia escolhido para ser sua donzela, e pensando dar-lhe um nome que não destoasse com os que levavam as donzelas dos castelos, a chamar de Dulcinea del Toboso. Nesse capítulo, a lavradora é representada por três aldeãs da pequena vila de Toboso, que vivenciam uma dramática situação com o escudeiro de Don Quijote.

Trata-se da passagem em que Don Quijote manda Sancho Panza à vila de Toboso à procura de Dulcinea, pois urge avisar-lhe que irá visitá-la, já que deseja conhecê-la pessoalmente. Sancho compreende que esta mulher é produto da imaginação do seu amo, mas, para não desapontá-lo, decide enganá-lo e o acompanha na sua “brincadeira”.

Assim, quando chegam à cidade de Toboso, durante a noite, Don Quijote pede a Sancho que o leve ao castelo onde mora sua senhora e adorada donzela. Sancho, preocupado com que seu amo não descubra que não há princesa alguma naquele lugar, o convence a esperar o dia clarear nas proximidades da cidade, enquanto ele volta à cidade para entregar o recado à donzela. Assim, ele tem tempo para pensar em alguma solução. Don Quijote aceita, e Sancho, muito mais tranqüilo e satisfeito, dispõe-se a dar o recado e trazer boas respostas como as havia trazido da primeira vez.

Ao amanhecer, na continuidade do diálogo entre as personagens, Don Quijote está preocupado com as possíveis atitudes que se pode apresentar Dulcinea na conversa com Sancho Pança. Por isso, antes que Sancho vá embora, Don Quijote lhe explica que a mulher se delata por meio da sua conduta em vez de suas palavras. Dito isso, o cavaleiro começa a descrever os movimentos e as atitudes que uma bela donzela apaixonada pode ter para dissimular aquilo que esconde seu tenro coração. Adverte a seu

escudeiro que devia prestar muita atenção em Dulcinea enquanto estivesse dando seu recado para não esquecer nada do que ela faz e poder contá-lo com detalhes a Don Quijote, já que, dessa forma, ele poderá descobrir o que ela pensa e sente.

Observa-se na fala de Don Quijote que, no seu subconsciente, encontra-se idealizado o perfil de uma mulher apaixonadamente romântica, delicada, atenciosa e meiga, o ideal feminino desenhado pela mão da cavalaria andante.

Anda, hijo – replicó don Quijote – y no te turbes cuando te vieren ante la luz del sol de hermosura que vas a buscar. ¡Dichoso tú sobre todos los escuderos del mundo! Ten memoria, y no se te pase Della cómo te recibe; si muda su color cuando le estés dando mi embajada; si se desasosiega y turba oyendo mi nombre; mírala si se pone ahora sobre el uno, ahora sobre el otro pie; si muda de blanda en áspera, aceda en amorosa; si levanta la mano al cabello aunque no esté desordenado[...]; finalmente hijo, mira todas sus acciones y movimientos porque si tú me los relatas como ellos fueron, sacaré yo lo que ella tiene escondido en lo secreto de su corazón. Que hay de saber Sancho, si no lo sabes, que entre los amantes, las acciones y movimientos exteriores que muestran, cuando de sus amores se trata, son certísimos correos que traen las nuevas de lo que allá en lo interior del alma pasa (CERVANTES, 2005, p. 94).

A descrição feita acima apresenta um modelo remanescente da tradição cortesã-cavaleiresca, ainda vigente em muitas sociedades ocidentais, o qual oferece indícios que servem de parâmetros para confrontar as características das mulheres que permeavam as páginas das novelas de cavalaria com a mulher camponesa de carne e osso dos séculos XVI e XVII, época em que a obra foi escrita. A primeira é uma mulher idealizada pelo imaginário popular que havia sido criada em torno à cavalaria andante, seus castelos e donzelas. Delicadas, meigas, doces e românticas, utilizam uma linguagem corporal totalmente sugestiva para expressar sua atitude frente ao mundo masculino. Embora nada evidente, poder-se-ia dizer que possuíam traços de forçosa indiferença diante do galanteio de um homem. A mulher do século XII, a mulher do amor cortês, é suavemente sedutora, sabe executar movimentos insinuantes típicos da paixão ou pelo menos do interesse em seduzir apenas com gestos. Ela quer ser literalmente cantada, mas o homem não pode ter nenhuma demonstração de retribuição a esse desejo. Segundo Arnold Hauser,

[...] nas canções de gesta é a mulher quem toma a iniciativa, mas nos círculos cavaleirescos, semelhante comportamento é visto como sumamente impróprio e descortês. A cortesia requer que a mulher se mostre fria e que o homem a anseie até a morte. A atitude cavaleiresca é de profunda paciência e infinita abnegação no homem envolvendo a extinção de sua própria vontade e o sacrifício do seu próprio ser à vontade da mulher como um ser superior (HAUSER, 1998, p. 216).

As palavras de Hauser (1998) também explicam o porquê de Sancho Panza e Don Quijote se ajoelharem diante de Dulcinea, em sinal de abnegação e vassalagem, e por que se despojavam de todo orgulho cavaleiresco, recobrando suas palavras de um cuidado exagerado, quando se dirigiam a ela. Fica mais fácil interpretar essa atitude, se se compreende que o fato de ser cauteloso significava zelo em não ofender de nenhuma forma a mulher amada. Comportamento este que fica mais evidente quando se compreende que a provação cavaleiresca fazia parte de um modo diferente de enxergar a vida.

A dor e o sacrifício, seja este causado pelo desamor de uma mulher, pela abnegada entrega ao serviço de um rei, ou pelas provações que exigia o amor a Deus, tinha o sublime objetivo de tornar os cavaleiros fortes para resistir firmemente em sua decisão de mudar os valores corrompidos das sociedades, sendo que nada e nem ninguém os poderia fazer mudar a ética dos seus ditames morais. (FOUCAULT, 2000).

Na continuação do capítulo, Sancho desvenda a realidade que envolve toda essa diligência. Na verdade, seu amo faz tudo ao contrário, dá de beber a quem tem fome e de comer a quem tem sede, e essa situação o tem colocado muitas vezes em sérias confusões. Tudo se complicava nesse momento, porque a mulher que devia encontrar, mas à qual nunca ninguém havia visto, podia estar presente em qualquer jovem que morasse na cidade de Toboso; portanto, sair à procura dela podia provocar o ciúme dos homens da vila, e pior ainda, ele estava prestes a se meter na maior confusão da sua vida. O solilóquio cauteloso, fruto da angústia de ter que encontrar uma Dulcinea imaginária, deixa claro que Don Quijote, novamente, havia cometido um sério engano:

-Pues, ¿qué vas a buscar? – Voy a buscar, como quien no dice nada, a una princesa y en ella al sol de la hermosura y a todo el cielo junto.

- Y, ¿adónde pensáis hallar eso que decís Sancho?

-¿Adónde? En la gran ciudad del Toboso.

- Y ¿de parte de quién la vais a buscar?

- De parte del famoso caballero don Quijote de la Mancha, que desfaze los entuertos y da de comer a quien tiene sed y de beber a quien tiene hambre.

-Todo eso está muy bien y ¿sabéis su casa, Sancho?

-Mi amo dice que han de ser unos palacios reales o unos soberbios alcázares.

- Y ¿habéisla visto alguna vez por ventura?

-Ni yo ni mi amo.

-Y ços parece acertado y bien hecho que si los de Toboso supiesen que estáis vos aquí con intención de sonsacarles sus princesas y desasosegarles sus damas viniesen y os moliesen las costillas a puros palos y no os dejasen hueso sano?(CERVANTES, 2005, p. 95).

Ao perceber Sancho que agora as aventuras lhe aparecem a seu amo sem estar à procura delas, colocando-o novamente em grande perigo, decide enganá-lo, e se tranqüiliza dando graças por ele (seu amo) estar totalmente louco, pois disse já dera mostras suficientes. Além disso, depois da sua longa caminhada juntos, o escudeiro conseguiu compreender que *“las historias fingidas tanto tienen de buenas y de deleitables cuanto se llegan a la verdad o la semejanza della, [...]”*, (CERVANTE, 2005, II, p. 57). Não seria difícil, então, convencê-lo de que as três lavradoras que por sorte vinham descendo o caminho de Toboso em direção ao lugar onde se encontrava Don Quijote, montadas em três asnos, eram sua senhora Dulcinea acompanhada por duas damas.

O narrador apresenta aqui a segunda imagem de mulher, a qual está estampada nas lavradoras. Ela não correspondia em nada à imagem de donzela que Sancho devia encontrar, embora isso não fosse um impedimento, já que Aldonza Lorenzo era em realidade uma aldeã tão rude quanto as camponesas e Don Quijote sempre havia acreditado se tratar de uma donzela. Mesmo assim, lhe ofereceria seus triunfos como o mais fervoroso dos cavaleiros de Amadis de Gaula, um dos mais famosos cavaleiros das novelas de cavalaria, o mais lido e de maior sucesso, segundo comenta o próprio Cervantes (2005) no início do seu romance.

Sancho, então, aproxima-se do seu amo e lhe diz, convencido de que uma bela mentira pode transformar-se na salvação de ambos, que a senhora Dulcinea estava vindo montada em seu cavalo branco para falar com ele. Don Quijote se levanta apressadamente, olha para o caminho e não enxerga senão três camponesas montadas em três burricos. *“Yo no veo Sancho, dijo Don Quijote, sino a tres labradoras sobre tres borricos! [...]”* (CERVANTES, 2005, p. 95).

Estranha reação a de Don Quijote. O que será que ele pretende nos dizer através dessa atitude, tão fora do seu comportamento habitual, dos atos ou condutas? Segundo Arnold Hauser (1998), Dom Quixote não pode entender a discrepância entre a ordem subjetiva e objetiva das coisas. Com suas múltiplas confusões, *“Dom Quixote quis fazer também uma denúncia do mundo desencantado e banal da realidade no qual nada mais restava para um idealista senão entrincheirar-se atrás de sua ideé fixe”* (HAUSER, 1998, p. 416-417), mas nem essa idéia fixa adiantava, diante de uma realidade tão consistente e avassaladora.

Nessa época, caracterizada pela profunda miséria na sociedade espanhola, a mulher viu-se obrigada a diminuir a distância entre os papéis masculino e feminino relacionados ao trabalho: este lhe permitia a ambos, homem e mulher, o

sustento da família. Desta maneira, a Dulcinea que Don Quijote vê diante dele é uma realidade nada encantadora, “uma realidade que se lhe apresenta como um mundo mágico repleto de perversos demônios” (HAUSER, 1998, p. 416).

Nesta perspectiva, a presença do trágico no cômico, a obliteração das fronteiras entre o real e o imaginário somente são superados, nas palavras de Hauser (1998), pela auto-sugestão consciente do herói, que tem a força para levar o leitor de volta à trama e fazê-lo compreender por que a doidice do personagem não se havia feito presente desta vez. Trata-se de mostrar que a realidade que enfrenta a mulher é muito mais dura que a retratada na ficção. Tanto perturba esta realidade a Don Quijote, que ele pergunta a Sancho depois do ocorrido: “- *Sancho, ¿Qué te parece, cuán mal quisto soy de encantadores?*” (CERVANTES, 2005, p.96). Pretendia, com isso, justificar as evidências fazendo uso do recurso mágico que lhe oferecia a Idade Medieval, deixando em evidência as contradições dessa sociedade, e que nem a doidice de um velho idealista, e nem a maestria de um autor como Cervantes são capazes de disfarçá-las, pois elas são perpetuadas pelo próprio homem.

Das personagens de Don Quijote, mais de 660, uma das mais importantes é Dulcinea del Toboso. Ela representa o padrão de mulher da tradição cortesã, na idealização da lavradora Aldonza Lorenzo, uma rude mulher trabalhadora do campo de características muito semelhante às das três camponesas com as quais Sancho, por sorte, se depara ao ir para mais um dia de trabalho no campo. Como pode ser observado no trecho subsequente, em que, impressionado com a rudeza das mulheres, o cavaleiro não consegue imaginar que alguma delas possa ser sua doce amada, aproximando-se dele montada em um cavalo branco como a neve:

-Pues yo te digo, Sancho amigo, dijo Don Quijote, que es tan verdad que son borricos o borricas, como yo soy Don Quijote y tú Sancho Panza; a lo menos a mil tales me parece – Calle, señor, dijo Sancho, no diga la tal palabra, sino despabile esos ojos y venga a hacer reverencias a la señora de sus pensamientos, que ya llega cerca; y diciendo esto se adelanta a recibir a las tres aldeanas. [...] Reina y princesa y duquesa de la hermosura, vuestra altivez y grandeza sea servida de recibir en su gracia y buen talante al cautivo caballero vuestro, que allí está hecho mármol todo turbado y sin pulsos de verse ante vuestra magnífica presencia. Yo soy su escudero y él es el asendereado caballero Don Quijote de la Mancha. (CERVANTES, 2005, p. 95-96).

A veracidade das palavras de Sancho é tão duvidosa quanto a certeza de que Don Quijote é Don Quijote, e seu escudeiro, Sancho. Don Quijote já não tinha certeza de nada, por isso, olhava perplexo à mulher que Sancho chamava de rainha e de senhora, e como não descobria nela mais traços que os de uma moça do campo

bastante rude e não muito bonita, ficou atônito e sem dizer uma palavra. As camponesas também ficaram sem fala, até que aquela que deveria ser Dulcinea exclamou “*Apartense nora en tal del camino y dejemos pasar, que vamos de priesa*” (CERVANTES, 2005, p. 100). Mas, Sancho devia prosseguir sua dramatização, já que dela dependia sua segurança nesse lugar. Para tanto, continuou dizendo: “*Oh! princesa e señora universal de Toboso cómo vuestro magnífico corazón no se entenece viendo arrodillado ante vuestra sublime presencia a la columna y sustento de la caballería?*” (CERVANTES, 2005, p. 101). As mulheres, acreditando ser vítimas da burla dos “*señoritos*”, ficaram indignadas e se sentiram ofendidas em sua condição de lavradoras, blasfemando contra aqueles que elas acreditavam querer dar boas risadas às suas custas. Na língua espanhola, o termo “*señorito*”, utilizado pelas aldeãs, tem uma conotação pejorativa: trata-se daquele moço que passa seu tempo ocioso a descansar e a se divertir, fazendo burlas de quem trabalha (RAE, 2001).

Don Quijote, inconformado com a sua desventura, procura respostas nos parâmetros cavaleirescos. Dulcinea e ele só poderiam ter sido encantados por um de seus inimigos, o que explicaria por que ele vê a senhora dos seus pensamentos como uma aldeã tão desafeiçoada. Assim conclui e pede a Sancho que se levante do chão, e começa a explicar à sua senhora que compreenda o mal-entendido, pois o maligno encantador o perseguia, transformando “*su sinigual hermosura y rostro en el de una aldeana pobre [...]*” (CERVANTES, 2005, p. 102).

As mulheres, cansadas de ouvir besteiras, picam as ancas dos asnos para sair em disparada e livrar-se deles, mas Aldonza finca a bota muito forte no burro, e este começa a dar corcovos e lança à terra a lavradora que deveria ser Dulcinea. Nesse momento, o sacrifício cavaleiresco e sua posição de vassalagem falam mais alto que qualquer encantamento: Don Quijote corre a levantá-la em seus braços, mas a aldeã se levanta depressa e se livra dele ficando um pouco para trás, para, com uma corridinha, pular em cima do animal, montando novamente sobre o burro. E mais rápida que qualquer homem, observa Sancho, sai em disparada junto às outras duas lavradoras.

Já havia avisado Don Quijote que fossem observados os movimentos e as ações daquela mulher, pois, por meio deles, poderia-se saber o que se passava dentro de sua alma.

Muitos são os elementos que demonstram nesta obra que a mulher passou e está passando por uma profunda transformação social. Mulheres que se assemelham na força e na coragem a um homem. Ágeis no manejo dos animais, não se dão o direito de ser fracas, frágeis ou amorosas. Essa atitude frente à vida evidencia que a sociedade renascentista não fazia as tradicionais diferenças entre homens e mulheres, separando os trabalhos pesados para os homens e as atividades mais

delicadas às mulheres. O véu da aparência frágil com que era coberta a mulher se desfaz diante das condições econômicas do momento. O novo sistema econômico determina as atividades que terá que desenvolver uma mulher trabalhadora do campo (ou no espaço urbano). Tal atividade, (rural neste caso) exige que o trabalhador feminino ou masculino seja forte, rude, sem muito dengo, mesmo que, essas características na mulher adquiram um grau próximo do grotesco, considerando os padrões de feminilidade, aos quais a sociedade está acostumada, e muito mais distante da delicadeza e submissão da que fala Michelle Zimbalist Rosaldo.

Somos herdeiros de uma tradição sociológica que trata a mulher como essencialmente desinteressante e irrelevante, aceitando como necessário, natural e profundamente problemático o fato de que, em toda cultura humana, a mulher de alguma forma é subordinada ao homem. (ZIMBALIST, 1979, p. 35).

Antigamente, a mulher era revestida de muito zelo e recato familiar; o bom trato fazia parte de suas qualidades, pois se dedicava ao cuidado dos seus filhos no recolhimento dos seus lares. Mas, com a mudança das suas obrigações dentro da família, a dedicação exclusiva ao lar foi mudando, embora se continue acreditando que a mulher não precisa se destacar nem se defender sozinha das dificuldades com as quais se depara na vida. Nesta sociedade exclusivamente patriarcal, ela deve ter um homem que a represente. Não é aceitável, portanto, um comportamento prosaico em uma mulher, como pular em cima de um asno, picar suas ancas com força e sair em disparada. E menos ainda se dirigir ao sexo masculino usando o imperativo, fazer ameaças para se defender dos homens em lugar de ficar coibida, pois estas são ações que socialmente se atribuem ao comportamento masculino.

Dentro do mesmo raciocínio, os movimentos rudes das lavradoras localizam-se bastante abaixo do ideal cultural e comportamental feminino aceito até os dias de hoje. Esse rebaixamento é precisamente o recurso empregado por Cervantes (2005) para a parodização, uma forma de romper com os estereótipos criados para a mulher. O autor faz, por meio deste rebaixamento, uma severa crítica à sociedade renascentista que se transforma provocando enormes contrastes dentro do sistema social. O cômico, que vem da parodização dessa situação e do inesperado comportamento feminino das lavradoras, tem como consequência a satirização dos estereótipos femininos da tradição cortesã-cavaleiresca, e estimula o riso sobre uma imagem que em nada corresponde à realidade, nem da época dos cavaleiros, nem do momento de produção da obra.

Na verdade, o autor provoca um novo olhar sobre a mulher. Ela, em *Don Quijote*, é o anverso da idealizada Dulcinea. Uma mulher real enfrentando as dificuldades da época, trabalhadora como qualquer homem do campo, merecedora de

seus triunfos e dos seus fracassos, batalhadora, precisando acabar com as adversidades da vida. Uma mulher forte que se nega a manter o “jogo do faz de conta”. Aquele do príncipe que salva e protege a sua indefensa donzela, modelo este que perpetua o sistema patriarcal verticalizado, estendendo seus tentáculos sobre a sociedade moderna. Em suma, uma mulher, como Don Quijote, transformadora.

NOTAS

- ¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, sob a orientação da Prof^a Dra. Lourdes Kaminski Alves (mgaete@terra.com.br)

REFERÊNCIAS

- AUIERBACH, Erich. *Mimesis*, São Paulo: Perspectiva, 2004.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fortes, 1998.
- CERVANTES, S. Miguel de. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Buenos Aires: Longseler, 2005.
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade 2*, o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Forense: 2000.
- DICCIONARIO Esencial de la Real Academia Española. 22. ed., Madrid: DRAE, 2001. Disponível em: <<http://www.rae.es/>>. Acesso em: 28 fev. 07.
- ZIMBALIST, R. Michelle; LAMPHERE, Louise. *A mulher: cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.